

DO MOVIMENTO DE JESUS AO CRISTIANISMO INSTITUCIONALIZADO

From the movement of Jesus to institutionalized Christianity

Profa. Ms. Viviane Paixão da Gama¹

Prof. Dr. Valtair A. Miranda²

RESUMO

O movimento liderado por Jesus de Nazaré não pode ser separado da conjuntura política, econômica e social da Palestina do século I. Assim como ele, outros movimentos populares surgiram na época, todos com o intuito de promover renovação dentro da sociedade em que viviam. Eles não aceitavam a dominação romana e se posicionaram contra a aristocracia judaica, porque entendiam que esta colaborava com o governo estrangeiro. Contudo, diferente do que aconteceu aos demais grupos populares, que desapareceram, o movimento de Jesus se desvinculou dos limites do judaísmo, alcançando, posteriormente, a posição de religião oficial do Império Romano. O objetivo deste trabalho é expor brevemente o que foi o movimento de Jesus, assim como, entender as mudanças vivenciadas pelo mesmo que contribuíram para a sua abertura fora do ambiente judaico e, as razões de seu crescimento dentro do Império Romano.

Palavras-chave: Movimento de Jesus; Cristianismo antigo; identidade religiosa; Religião e institucionalização.

ABSTRACT

The movement led by Jesus of Nazareth can not be separated from the political, economic and social conjuncture of first-century Palestine. Like him, other popular movements emerged at the time, all with the intention of promoting a renewal within the society in which they lived. They did not accept the Roman domination and they stood against the Jewish aristocracy, because they understood that it collaborated with the foreign government. However, unlike the other popular groups that disappeared, the movement of Jesus dissociated itself from the limits of Judaism, reaching later the position of official religion of the Roman Empire. The purpose of this work is to briefly expose what the Jesus movement was like, to understand the changes experienced by it that contributed to its openness outside the Jewish environment and the reasons for its growth within the Roman Empire.

Keywords: Movement of Jesus; Ancient Christianity; religious identity; Religion and institutionalization.

¹ Graduada em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul/ Faculdade Batista do Rio de Janeiro; Graduada em Engenharia Química (UFF/RJ); Licenciada em Química (Faculdade Signorelli/RJ); Pós-graduanda em História Antiga e Medieval (Faculdade São Bento/RJ); Mestre em Química (UFF/RJ).

² Valtair Afonso Miranda é Doutor em História (UFRJ), Doutor em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Ciências da Religião (UMESP), Mestre em Teologia (STBSB), Graduado em Teologia (STBSB/FTSA) e Graduado em História (UNIVERSO). É Diretor Acadêmico da Faculdade Batista do Rio de Janeiro/STBSB, no Rio de Janeiro, onde leciona Novo Testamento e História do Cristianismo.

Introdução

A formação do Ocidente deve muito ao cristianismo, mas a afirmação soa bastante peculiar se considerarmos que tal religião nasceu no Oriente, como um movimento estritamente judaico. A mensagem central do cristianismo orbita em torno de Jesus Cristo e daquilo que foi propagado posteriormente por seus discípulos. Jesus, foi um homem oriundo da Galiléia que reuniu ao redor de si alguns judeus que propagaram seus ensinamentos após a sua morte e ressurreição. Contudo, o movimento implementado por Jesus rompe com os limites do Judaísmo, alcançando o mundo romano, até ganhar o *status* de religião oficial do Império Romano.

O caminho que transformou um movimento judaico em uma religião institucionalizada é complexo e longo. Para compreendermos tais modificações faz-se necessário entender, primeiramente, o que foi o movimento de Jesus, e em seguida os processos que acarretaram na abertura às comunidades não judaicas. Porém, o movimento de Jesus está intrinsecamente ligado ao contexto histórico, social, político e econômico da Palestina do século I e, por isso, a sua mensagem acerca do Reino de Deus não pode ser dissociada da conjuntura na qual surgiu, porque trata, principalmente, de respostas para os problemas vivenciados pela sociedade judaica na época.

O objetivo deste trabalho é expor brevemente o que foi o movimento de Jesus, assim como, entender as mudanças vivenciadas pelo mesmo que contribuíram para a sua abertura fora do ambiente judaico e, as razões de seu desenvolvimento dentro do Império Romano.

O movimento de Jesus

Jesus era de Nazaré, um pequeno povoado da Galiléia, governada pelo tetrarca Herodes Antipas do ano 4 a.C. até 39 d.C.³ O ambiente em que ele viveu era tipicamente rural, repleto de camponeses e pescadores que necessitavam trabalhar muito para garantir a sobrevivência de suas famílias e ainda pagar os impostos que sustentavam a elite daquela sociedade. A Palestina naquele momento estava sob o

³ PAGOLA, José Antônio. **Jesus. Aproximação Histórica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014, p. 38.

domínio romano e, não era raro as tensões naquela região, devido às discrepâncias sociais e os conflitos gerados pelas diferenças culturais entre judeus e romanos. Desde o período em que Alexandre, o Grande, dominara àquela região, havia tentativas de helenização da Judéia, apoiada por alguns grupos da aristocracia judaica, mais abertos à influência estrangeira e que acreditavam que isso poderia gerar riquezas e crescimento para a região. No entanto, sempre houve grupos conservadores que eram contrários a essa influência por acreditarem que isso poderiam levá-los a perder a sua identidade. Theissen afirma que:

A partir do momento em que a cultura helenista, representada pelos estrangeiros dominadores ptolomaicos, selêucidas e romanos, expôs o judaísmo a uma intensa corrente de assimilação, sempre surgiram no judaísmo movimentos de renovação que se opunham a esse vórtice assimilativo, à medida que revigoravam as próprias tradições.⁴

Portanto, estas tensões culminaram em diversos grupos de resistência, especialmente em áreas onde não havia muita abertura para a integração cultural. Estes movimentos de renovação propunham mudanças para as questões que os oprimiam, e o movimento de Jesus também é resultado desse contexto, apesar das suas particularidades. Ele se diferenciava dos demais grupos, especialmente por seu caráter pacífico e por sua proposta de Reino de Deus que buscava transformar toda a sociedade. O que distingue estes movimentos é a “radicalização de suas reivindicações”⁵. Eles são respostas, principalmente, para as tentativas de helenização, promovida primeiro pelos gregos e macedônios e, posteriormente pelos romanos.

Também havia insatisfação do povo, especialmente com a classe sacerdotal, que desempenhava funções religiosas e políticas na sociedade. As alianças deste grupo com os romanos eram vistas de forma negativa pelos demais judeus que entendiam que eles estavam contribuindo para que estrangeiros mantivessem a sua dominação sobre Judá. Além disso, os judeus que viviam na Palestina estavam submetidos a pesadas tributações, porque precisavam pagar impostos a Roma e também aos sacerdotes para manterem o aparato do Templo. Na Palestina do século I a principal atividade desenvolvida era agrícola e esta situação limite fez com que muitos camponeses não pudessem honrar com os seus compromissos, levando-os a migrarem para o

⁴ THEISSEN, Gerd. **A Religião dos Primeiros Cristãos. Uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 57.

⁵ THEISSEN, Gerd. **O Movimento de Jesus. História Social de uma Revolução de Valores**. São Paulo: Edições Loyola, 2008, p. 141.

banditismo.⁶ O não pagamento destas tributações implicava em severas penalidades e muitos judeus foram mortos, perderam suas terras ou se tornaram escravos. A contribuição forçada dos impostos por Roma era também um meio de demonstrar poder e lembrar aos judeus que eles não eram livres, mas estavam sob o domínio de um governo estrangeiro. Cabe ressaltar que os judeus entendiam a terra como herança que não devia ser comercializada, visão que não era compartilhada pelos romanos.

Crossan afirma ainda que “a comercialização rural, a expropriação da terra e o esbulho dos camponeses são mais ou menos sinônimos. E, à proporção que aumentam, aumentam também as incidências de resistência, rebelião ou revolta camponesa”.⁷ Somados a isso, Horsley e Hanson⁸ apontam ainda mais duas razões que contribuíram para a agitação popular: as secas periódicas, que contribuíram para o endividamento dos camponeses, levando-os a perderem tudo o que possuíam; e o caráter ilegítimo e explorador da classe dominante judaica. Foi essa situação limite que fez com que os camponeses se unissem a movimentos de resistência, acarretando em uma revolta camponesa generalizada. Para Horsley e Hanson,⁹ o banditismo social ofereceu material humano durante a guerra judaica e liderança aos camponeses do século I.

A concentração de propriedade também intensificou a luta por distribuição, uma vez que as terras mais férteis estavam nas mãos dos grandes proprietários que dominavam a exportação e tornavam-se cada vez mais ricos. As disputas por poder entre os membros da elite local, composta pela aristocracia judaica e a família de Herodes, contribuíram para fomentar as tensões e debilitar a dominação romana na região, pois não havia uma elite local unida que pudesse contar. A morte de Herodes, nomeado rei da Judéia em 37 a.C., em certa medida fez aflorar estes levantes, que foram duramente reprimidos durante o seu reinado. A sua política de destruir ou neutralizar todas as formas de poder que pudessem concorrer com ele trouxe muitos problemas porque, após a sua morte, não havia nenhum poder forte o suficiente para manter a Palestina sob controle. O Império Romano também não abrandou a crise, pois enviava para a região apenas procuradores romanos que não eram politicamente fortes e, por isso, não conseguiam manter a ordem.

⁶ Banditismo é um fenômeno social, fortemente enraizado em comunidades agrícolas, que são oprimidas por um governo dominante e, tende a crescer com o aumento das crises econômicas. Cf. HORSLEY; HANSON, 1995, p. 58.

⁷ CROSSAN, John Dominic. **O Nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 202.

⁸ HORSLEY, Richard A., HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias. Movimentos Populares no Tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 68.

⁹ HORSLEY e HANSON, 1995, p. 57

Nesta perspectiva, o papel da Galiléia deve ser destacado, pois foi um local onde se empreendeu inúmeros conflitos com Herodes e que possuía um histórico de insurgência. A importância da Galiléia no movimento de Jesus é ressaltada por Garcia:

Deste modo, o ministério de Jesus se desenvolve em um espaço geograficamente, historicamente e culturalmente determinado: a Galiléia, uma encruzilhada onde o helenismo e o poder greco-romano; as influências teológicas e políticas da Judéia; e as tradições de Israel, preservadas pelos camponeses “históricos”, se encontravam e se confrontavam. Esse é o marco histórico para compreender Jesus e suas relações com os diversos movimentos judaicos¹⁰.

A fundação das cidades de Sefóris e Tiberíades exacerbou as tensões entre os que viviam nas cidades e nos campos, pois a criação dessas cidades fez com que a Galiléia passasse a ser governada de um centro mais próximo, o que levou a um aumento no fluxo de comércio e de produção, saindo de uma economia que era apenas de subsistência para gerar excedentes que poderiam ser comercializados. Isso trouxe modificações na relação com a terra, especialmente se considerarmos que “todo enfoque agrícola se voltou para alimentar Sefóris e Tiberíades”.¹¹ Muitos dos proprietários dessas regiões viviam nas cidades e arrendavam as suas terras para que outros pudessem trabalhar nelas, vivendo desses rendimentos. Certamente essa lógica de alguém que não trabalha na terra mas se beneficia dela deve ter gerado muita revolta, especialmente se considerarmos o contraste de vida entre o campo e as cidades, além da relação de alguns judeus com a terra, considerando-a como propriedade de Deus.

O movimento iniciado por Jesus nasce dentro desta conjuntura e, assim como outros grupos, buscava soluções para as dificuldades vivenciadas pelos judeus naquela época. Para Theissen, o movimento empreendido por Jesus propunha uma revitalização da religião judaica, e não uma ruptura. Ele afirma que:

Os conflitos com os seus contemporâneos eram conflitos dentro do judaísmo, e não com o judaísmo. Ele não representou nenhum êxodo do judaísmo, mas um movimento de renovação dentro dele. Com isso, ele se insere numa corrente de movimentos de renovação intrajudaicos desde os Macabeus, numa tentativa jamais dissolvente de revitalização da religião judaica. Visto que isso, quase sempre, direta ou indiretamente, acontecia como uma resposta ao desafio das potências que dominavam o judaísmo, nenhum desses movimentos de renovação e, tampouco o movimento de Jesus, pode ser compreendido sem essa moldura política.¹²

¹⁰ GARCIA, Paulo Roberto. **Sábado – A mensagem de Mateus e a contribuição judaica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. Apud GARCIA, Paulo Roberto. **O Cristianismo da Galiléia: uma expressão do cristianismo primitivo. Um olhar sobre a metodologia da Pesquisa de Movimentos da Antiguidade**. São Paulo: UESP.

¹¹ CROSSAN, 2004, p. 262.

¹² THEISSEN G., 2009, p. 56-57.

Ele defende ainda que o movimento de Jesus era milenarista¹³ e, para que haja um culto milenarista são necessárias algumas condições, tais como: 1) “Sistema político dominante seja relativamente permissivo, resultando que pretensões políticas competitivas emergem à superfície”;¹⁴ 2) É preciso que as pessoas estejam submetidas a algum tipo de privação política, o que é atestado pelas inúmeras resistências contra a dominação estrangeira e aristocracia judaica; privação econômica, gerada pelo acúmulo de riquezas nas mãos de um pequeno grupo, acarretando em crise financeira e, de dignidade humana; por último, a privação religiosa e social, pois elas não podem ser concebidas separadamente na sociedade judaica. Esta privação pode ser verificada nos relatos bíblicos que mostram que, entre os adeptos de Jesus, estavam os marginalizados, considerados impuros pelos líderes religiosos. Logo, estas condições estavam bem presentes na Palestina do século I.

Outra característica comum a movimentos milenaristas é a presença de um profeta carismático. Acerca do carisma, Worsley afirma que “é uma relação social, não um atributo de personalidade individual ou de uma qualidade mística”.¹⁵ Além do reconhecimento de seus adeptos, o profeta carismático, no movimento milenarista, também precisa “buscar dentro da tradição religiosa comum novas definições de poder, valor, verdade e novos caminhos de acesso para eles”¹⁶ e, Jesus se encaixa nessa definição porque a sua mensagem é um ataque às tradições estabelecidas tal como a purificação do templo, ao mesmo tempo que ele propõe novos valores para a comunidade. Os movimentos milenaristas são, em sua maioria, resultados do choque cultural e, não se pode ignorar que o Judaísmo e o Helenismo sempre estiveram em rota de colisão, especialmente na Palestina.

Sua mensagem girava em torno da expectativa da iminência do Reino de Deus. Na tradição judaica, o reinado de Deus era esperado politicamente, imposto por uma vitória sobre os inimigos de Israel. Porém, a mensagem de Jesus sobre o reino de Deus não se adequa a essas imagens da tradição judaica; nele, o Reino de Deus está mais próximo das imagens dos grupos marginalizados, das pessoas humildes e é esperado como uma grande festa, onde mesmo os desprezados são convidados a participar. Ao

¹³ Milenarista é um grupo que aguarda uma salvação imediata e coletiva para os fiéis, seja em razão de alguma mudança cataclísmica na atualidade, seja pela recuperação de uma era de ouro que supostamente havia passado. A religião frequentemente inspira ativismo e mudança social. Cf. GIDDENS, Anthony. **Sociology**. Cambridge: Polity Press, 1984, p. 452-454. *Apud* THEISSEN, 2008, p. 157.

¹⁴ KEE, H.C. **As Origens Cristãs em Perspectiva Sociológica**. São Paulo: Editora Paulinas, 1983, p. 47.

¹⁵ WORSLEY, Peter. **The Trumpet Shall Sound. A Study of “Cargo” Cults in Melanesia**. New York: Schocken, 1987. *Apud* GAGER, John. **Kingdom and Community. The Social World of Early Christianity**. New Jersey: Prentice Hall, Inc., 1975, p. 28-29.

¹⁶ GAGER, op. cit., p. 29.

apregoar o Reino de Deus, Jesus está defendendo um monoteísmo radical, o domínio do Deus uno. E, apesar da violência que eventualmente acompanha o monoteísmo exclusivista, ele possuía um programa de não-violência, voltado para o amor ao próximo e à reconciliação.

Contudo, seu programa não parece ter alcançado sucesso ou a aceitação esperada por parte dos judeus, pois as tensões se tornaram mais acirradas até culminarem na revolta judaica em 66–70 d.C. Apesar disso, os discípulos de Jesus aprenderam a interiorizar a agressividade e redirecioná-la, porque não há indícios de perseguição aos romanos após a morte de Jesus. Tampouco eles tomaram partido na guerra judaica que se sucedeu. Quanto à morte de Jesus, ela se tornou parte significativa da pregação do movimento, e elemento essencial da identidade do movimento a partir de então. Como argumenta Theissen, “a cruz tornou-se sinal de salvação. Não era a culpa dos romanos que se manifestava ali, mas a sua própria culpa: Jesus teve de morrer pelos nossos pecados. O Messias fracassado passou a ser inaugurador de salvação”.¹⁷

O Cristianismo institucionalizado

O movimento de Jesus, passou por diversas modificações, até se constituir em uma nova religião, o Cristianismo. Como todos os movimentos milenaristas e carismáticos, eles tendem a se institucionalizar, pois, segundo Weber,¹⁸ eles não conseguem se manter em sua forma original e, nesse processo, perdem ou modificam as suas crenças originais, especialmente se essas crenças não se concretizam. Os seguidores de Jesus precisaram lidar com duas grandes frustrações, a morte do seu líder e, o atraso da promessa da intervenção de Deus na história de forma material e iminente, restabelecendo as ordens física e política. “A condição de aflição e dúvida decorrente da não confirmação de uma crença importante”¹⁹ é chamada de teoria da dissonância cognitiva. Em geral, os grupos tendem a buscar meios de reduzir essa dissonância e, para Gager, o caminho comumente é o proselitismo e a racionalização das crenças.²⁰

¹⁷ THEISSEN G., 2008, p.416.

¹⁸ WEBER, Max. **Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999, p. 332.

¹⁹ GAGER, 1975, p. 39

²⁰ Ibid., p. 37-49

A expectativa do fim iminente foi modificada e canalizada em outra direção, especialmente para estruturar as comunidades, que começaram a ter regras e serem hierarquizadas. As autoridades que antes pertenciam aos carismáticos itinerantes foram atribuídas aos líderes das congregações locais e essa transição não ocorreu sem conflitos, conforme atesta a carta de 1João. O processo de institucionalização também envolve a criação de um universo simbólico que serve para “solidificar o grupo, estabilizar as suas estruturas e legitimar os que estão no controle”,²¹ e a formação do cânon²² nesse momento representou um importante instrumento normativo que definiu os limites da comunidade, legitimando suas normas e valores.

É importante destacar que havia muitas correntes dentro do Cristianismo primitivo e, segundo Theissen, a formação do cânon foi fundamental para “trazer consenso a respeito do que era cristão em sentido normativo,”²³ “atestar definitiva separação de sua religião-mãe, bem como sua ligação a ela”,²⁴ especialmente se considerarmos que as Escrituras judaicas foram subordinadas ao que convencionou-se chamar Novo Testamento; “autodefinição do cristianismo primitivo em relação ao paganismo”;²⁵ e “marca o fim do cristianismo primitivo, uma vez que esse universo simbólico não será mais ampliado, mas é considerado válido e concluído”.²⁶

O cânon preservou em seus escritos a pluralidade do Cristianismo primitivo, mas nem todas as correntes foram representadas, por serem consideradas heréticas. A formação do cânon também possibilitou a limitação daquilo que era considerado ortodoxo e heresia. Ao estabelecer limites para a comunidade, consequentemente criam-se barreiras para os que pensam diferente, que são rechaçados como hereges. Naquele período, destaca-se a linha entre ortodoxia e heresia era muito tênue, principalmente considerando-se o contexto de pluralidade do Cristianismo primitivo. Isso levou Bauer a argumentar que a ortodoxia poderia ser vista como uma releitura retroativa na perspectiva de um grupo majoritário sobre os primórdios do movimento.²⁷

Segundo esta perspectiva, as heresias podem ter tido um papel na formação do Cristianismo, porque elas surgiram de conflitos internos, geradas por membros da

²¹ Ibid., p. 75.

²² Entende-se por cânon, a “um conjunto de textos normativos, aptos a reconstruir, sempre de novo, o sistema simbólico de uma religião e torná-lo familiar a uma comunidade por meio da interpretação”. Cf. THEISSEN G. 2009, p. 340.

²³ THEISSEN, 2009, p. 339.

²⁴ Ibid., p. 340.

²⁵ Ibid., p. 341.

²⁶ Ibid., p. 340.

²⁷ BAUER, Walter. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Philadelphia: Fortress Press, 1971. *Apud* GAGER, 1975, p. 77-78.

comunidade que desertaram de um ou outro padrão. Para Gager “conflitos servem para definir e fortalecer estruturas grupais”²⁸ e, os chamados hereges são mais intensamente combatidos porque colocam em risco o universo simbólico que sustenta e traz sentido à comunidade, sendo considerado uma ameaça à sua existência. Estes embates internos acabaram contribuindo para a formação da estrutura organizacional e ideológica. De igual forma, os conflitos externos favoreciam “a identidade do grupo e fortaleciam a sua coesão interna”.²⁹ Os conflitos entre a ortodoxia e a heresia não podem ser separados do processo de institucionalização,³⁰ pelo qual passou o Cristianismo, levando-o a se distinguir do movimento carismático e itinerante dos primórdios.

Após a morte de Jesus, o movimento passou por muitas transformações. Antes era rural, e então passou a atuar nos centros urbanos; deixou de ser tipicamente judaico, na medida que muitos gentios aderiam à nova fé e, se tornaram maioria dentro das comunidades; a mensagem de Jesus precisou ser ressignificada porque as tensões da Palestina que a originou não existiam no mundo helênico. Isso fez com que ela se tornasse menos tangível e mais abstrata, sendo remetido para o âmbito espiritual alguns dos seus conceitos; pessoas com posses abraçaram a nova fé e a oposição inicial do movimento de Jesus em relação à riqueza precisou ser revista para se adequar às novas condições sociais. Sobre essas mudanças, Gager afirma que:

Antes que o cristianismo pudesse e, eventualmente, penetrasse na aristocracia oficial, dois desenvolvimentos significativos tiveram que ocorrer. Primeiro, a própria religião sofreu certas modificações internas (por exemplo, declínio da ênfase escatológica e acomodação na cultura clássica), o que o tornou mais aceitável para as classes superiores; e, em segundo lugar, a aristocracia propriamente dita, sofreu um processo de provincialização e democratização, que parcialmente neutralizou sua aversão a cultos não romanos.³¹

Além dessas adaptações na mensagem pregada, o Cristianismo também fez uso da estrutura do Império Romano para difundir-se, tais como a unidade política mediterrânea, a estrutura da *pax romana* e a facilidade das viagens por meio de estradas bem construídas e guardadas por legiões romanas. Eles também se apropriaram da forma de viver dos judeus da diáspora. Eles usaram a versão grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) e de outros escritos judaicos, dos seus métodos de interpretação dos textos sagrados e, principalmente, conseguiram se acomodar ao mundo helênico, tal como fizera os judeus da diáspora. Dessa forma, se apropriaram do melhor do mundo helênico e judaico. Eles usaram sinagogas, criando uma rede de

²⁸ GAGER, op. cit., p. 86.

²⁹ Ibid., p. 85.

³⁰ Ibid., p. 88.

³¹ GAGER., 1975, p. 107-108.

comunidades, que facilitava também o seu crescimento. Pode-se afirmar que as atividades missionárias do cristianismo, que foram eficientes, não ocorreram por anúncios públicos, mas através do contato pessoal através dessas redes de comunidades, o que reforça ainda mais a sua importância para a continuidade do Cristianismo. Sobre o sucesso do cristianismo, Guarinello afirma ainda que:

O grande diferencial dos cristãos localizava-se não apenas em uma enorme devoção religiosa, mas também na progressiva constituição de uma rede mediterrânica, num sistema de circulação de cartas e textos sagrados e no estabelecimento de grupos formais dentro das cidades. Penetravam nos espaços domésticos das casas e muitos dos primeiros convertidos eram mulheres que, por sinal, não tinham lugar no espaço público. Um dos segredos para a difusão do cristianismo foi a sua inserção nas redes de comunicação entre o mar e as terras e a progressiva construção de uma história e memória, ou seja, de uma identidade que unia as pessoas de uma ponta a outra do império.³²

Tais fatores explicam em parte o êxito do Cristianismo. Porém, para ter uma visão mais ampla das razões que o levaram a se tornar religião oficial do Império é necessário compreender porque os seus concorrentes fracassaram. O judaísmo não teve triunfo, ainda que fosse uma religião divulgada dentro do Império e que atraía muitos simpatizantes. A principal razão para o seu fracasso está nas guerras empreendidas pelos Judeus contra o Império Romano, que fomentaram o sentimento anti-semita, fazendo com que eles deixassem de ser uma alternativa religiosa.

Em relação ao paganismo, especialmente ao Mithraísmo, que teve o seu auge sob o governo de Aurélio, Galério e Juliano, seu grande problema era que se tratava de uma religião muito exclusivista, da qual ficavam de fora as mulheres, por exemplo; seus adeptos estavam principalmente no exército, sendo popular principalmente entre os membros dos setores estabelecidos da sociedade. Quando o Cristianismo se tornou religião oficial, as religiões pagãs foram banidas e seus templos destruídos, incluindo o Mithraísmo. As escolas filosóficas, que tinham o status de religião, também eram concorrentes do Cristianismo em ascensão. Contudo, assim como o Mithraísmo, não conseguiram ganhar o apoio das massas, pois para fazer parte destas escolas era necessário um alto grau de educação, o que não estava disponível a todos.

O Cristianismo conseguiu alcançar as massas populares, incluindo as mulheres, que eram excluídas de muitos setores da sociedade romana e, isso era um importante diferencial frente ao Mithraísmo e às Escolas filosóficas, embora seja importante destacar que o Cristianismo fez uso de muitos conceitos da filosofia grega, dando-lhes

³² GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 148.

uma roupagem cristã. Portanto, ele foi se firmando dentro do Império aos poucos, crescendo por meio dessas redes de comunidades, inicialmente sob o véu do Judaísmo, atraindo membros das mais diversas classes sociais, e com grande apoio popular, uma vez que intentava ser universal.

Gager aponta que, provavelmente, pode-se considerar o período entre 250–300 a.C., como o momento em que o avanço do Cristianismo se torna irreversível dentro do Império Romano. Ele afirma que:

No início do terceiro século, o cristianismo havia sobrevivido aos seus obstáculos mais sérios, tanto internos (com as heresias de Marcião, os gnósticos e Montano), quanto externos (incluindo a primeira perseguição oficial sob Décio); implantara-se em todas as localidades significativas do império e desenvolvera um aparato institucional e intelectual para resistir a qualquer novo ataque.³³

Portanto, o século III é quando ocorre o ponto crítico para o Cristianismo, ou seja, a partir desse momento ele não poderia ser erradicado do Império, pois já estava presente em todos os setores daquela sociedade.

Conclusão

Os judeus foram submetidos a um intenso processo de helenização, que teve início com as conquistas de Alexandre e se estendeu até o período da dominação romana. Os choques culturais, somados às difíceis condições socioeconômicas a que eram submetidos, suscitou a formação de inúmeros grupos populares, principalmente na região da Galiléia, que desejavam a renovação da sociedade judaica. A maioria dos grupos, a sua maneira, se colocou contra a aristocracia judaica, porque ela contribuía com os romanos na exploração do povo. Alguns desses grupos eram extremamente violentos e, nenhum deles aceitava o governo estrangeiro. Eram movidos por um forte sentimento teocrático e, por isso, consideravam que apenas Deus governava sobre eles.

O movimento de Jesus também propunha uma renovação da religião judaica, mas era pacífico, voltado para o amor ao próximo e à reconciliação. Um ponto em que se diferenciou dos demais grupos nativistas foi a “superação das fronteiras entre o seu povo e os estrangeiros”.³⁴ Apesar de sua atuação ter permanecido na Palestina, essa abertura para o outro pode ser vista “nos sonhos escatológicos de uma refeição comum

³³ GAGER, 1975, p. 142.

³⁴ THEISSEN, 2009, p. 49.

entre os pagãos e Abraão, Isaque e Jacó, mas também mediante a assunção de pagãos na comunidade”.³⁵ Contudo, sua mensagem não foi aceita pelos judeus de uma maneira geral, haja vista que muitos grupos se envolveram na guerra judaica que culminou com a destruição do Templo em 70 d.C. O movimento de Jesus poderia ter desaparecido, como ocorreu com outros grupos judaicos. Isso não ocorreu, entretanto, porque o movimento já se abrira para as comunidades fora do judaísmo, permitindo que este se expandisse dentro do Império Romano, até alcançar o *status* de religião oficial. Foi um caminho longo e árduo, que passa também, pelos mártires produzidos durante os períodos de perseguição e, que em certa medida, contribuíram para a difusão da nova fé.

O processo de institucionalização, comum a todos os movimentos milenaristas e carismáticos, transformou o movimento de Jesus no Cristianismo, fazendo com que o mesmo se desprendesse dos limites do Judaísmo. Portanto, o sucesso do Cristianismo, na perspectiva histórica, pode ser visto como resultado de um conjunto de fatores, que o levou a se expandir dentro do Império, tais como: condições estruturais favoráveis criadas pelo Império que permitia a sua difusão; a adoção do estilo de vida dos judeus da diáspora, especialmente o seu senso de comunidade oriundo do modelo das sinagogas; o fato de crescer sob o véu do Judaísmo; o martírio como forma de auto-estigmatização que atraía novos adeptos; a abertura à novas classes sociais; sua popularização entre as massas por sua tendência universalista; e a apropriação do melhor do Judaísmo sem o ônus da Lei.

Referências bibliográficas

BAUER, Walter. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Philadelphia: Fortress Press, 1971.

CROSSAN, John Dominic. **O Nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004.

GAGER, John G. **Kingdom and Community. The Social World of Early Christianity**. New Jersey: Prentice Hall, Inc., 1975.

GARCIA, Paulo Roberto. **O Cristianismo da Galiléia: uma expressão do cristianismo primitivo. Um olhar sobre a metodologia da Pesquisa de Movimentos da Antiguidade**. São Paulo: UESP.

³⁵ Ibid., p. 49.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2018.

HORSLEY, Richard A., HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias. Movimentos Populares no Tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.

KEE, H.C. **As Origens Cristãs em Perspectiva Sociológica**. São Paulo: Editora Paulinas, 1983.

PAGOLA, José Antônio. **Jesus. Aproximação Histórica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

THEISSEN, Gerd. **A Religião dos Primeiros Cristãos. Uma teoria do cristianismo primitivo**. São Paulo: Paulinas, 2009.

THEISSEN, Gerd. ***O Movimento de Jesus. História Social de uma Revolução de Valores***. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade. Fundamentos da Sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WORSLEY, Peter. **The Trumpet Shall Sound. A Study of “Cargo” Cults in Melanesia**. New York: Schocken, 1987.